

**A FINITUDE COM SIGNIFICADO: ORIENTAÇÕES EM GRUPO SOCIAL  
ESPIRITUALISTA PARA APOIO A PACIENTES EM SITUAÇÕES DE  
ENFRENTAMENTO DE TRAGÉDIA OU MORTE.**

**FINITUDE WITH A MEANING: ORIENTATION IN A SPIRITUALIST SOCIAL  
GROUP TO SUPPORT PATIENTS COPING TRAGEDY OR DEATH**

Sílvia Silveira<sup>1</sup>  
Sílvia Patriota<sup>2</sup>  
Jane Domingos<sup>3</sup>

**RESUMO**

Como pesquisa etnográfica, este trabalho pretende apresentar um grupo social espiritualista, o SOL – Serviço Ostensivo de Luz – grupo que dá apoio a enfermos e seus familiares enquanto estes enfrentam alguma experiência trágica pela possibilidade de finitude de uma etapa da vida ou até mesmo, da possibilidade próxima da experiência de morte. Além de dar apoio psicológico, o grupo desenvolve terapias alternativas na busca da cura, bem como na busca da mudança de atitude diante do sofrimento, através de sua espiritualidade e religiosidades próprias, advindas principalmente do espiritismo, não obstante a influência de outras caracterizações religiosas. À luz de conceitos antropológicos da conscientização do fenômeno da morte por Morin; da insuficiência do modelo biomédico deste século apontada por Capra; e por fim, da busca de significado e normalidade para o sofrimento, através do mito, conforme Eliade; analisaremos as atividades desenvolvidas por este grupo e suas contribuições sociais verificáveis pelo viés transdisciplinar destes autores caros às Ciências das Religiões.

**Palavras-chave:** espiritualidade; saúde; morte.

**ABSTRACT**

As ethnographic research, this paper aims to present an spiritualist social group, called SOL (OSL) - Ostensible Service of Light - a group that supports sick and their families as they face some tragic experience of an ending, such as the possibility for an ending of life stage or even the experience of near death. Besides giving psychological support, the group develops alternative therapies in search of healing, as well as the quest for change of attitude to suffering through their own vision of spirituality and religiousness, stemming mainly from spiritual dogma, despite the influence of other religious characterizations. In light of anthropological concepts of awareness for the phenomenon of death by Morin; the failure of the biomedical model of this century pointed to by Capra, and finally, the search

---

<sup>1</sup> Estudante em Ciências das Religiões na UFPB. Contato: sas.ufpb@gmail.com

<sup>2</sup> Estudante em Ciências das Religiões na UFPB

<sup>3</sup> Estudante em Ciências das Religiões na UFPB

for meaning and normality for suffering through myth, as Eliade said; we aim to analyze the activities developed by this group and their social contributions verifiable by these transdisciplinary authors with high importance to Science of Religions.

**Keywords:** spirituality, health, death.

## Introdução

Este trabalho, além de procurar inicialmente atender aos requisitos e objetivos da disciplina de Estudos Etnográficos, componente curricular da graduação em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba, busca a divulgação científica de conceitos contemporâneos que revelam a importância da espiritualidade como fator que propicia o enfrentamento menos dramático e traumático de crises e tragédias em saúde coletiva e individual.

Para tal, foi escolhido um grupo representante da extensão de um centro espírita que desenvolve atividades de assistência combinada por ações de caráter espiritualista e simbólico-materialista – o SOL – Serviço Ostensivo de Luz. Trata-se de um grupo organizado de assistência espiritualista para pessoas que sofrem de câncer ou doenças terminais. Além de prestar assistência para afligidos pela doença, seus integrantes procuram envolver os familiares próximos da pessoa que recebe sua assistência. São pessoas que procuram o centro espírita ao qual o grupo é ligado, doentes de hospitais que estão em situações inevitáveis de sofrimento pela iminência de uma mudança brusca em seu estilo de vida ou até mesmo a possibilidade da morte, bem como aqueles que foram afetados pela perda de alguém altamente estimado de seu círculo pessoal.

Nossa pesquisa etnográfica constituiu-se de visitas realizadas no sentido de observar e relatar as atividades realizadas pelo grupo denominado SOL, bem como sua organização e estrutura. Contou com uma entrevista direcionada ao médium aqui denominado A e com a audição e transcrição de falas de uma psicoterapeuta aqui denominada B, durante uma sessão de preparação dos membros do grupo, presenciada na segunda visita, para a realização de um evento de apoio aos enfermos e familiares no Canto do Uirapuru.

Os marcos teóricos em que se embasam a análise, síntese e padronização dos comportamentos revelados pelo grupo estudado neste trabalho etnográfico, são definidos por Capra, Morin e Eliade.

De forma filosófica, Capra apresenta um paradigma entre ciência e espírito, verificada após a Idade Moderna e o advento do Iluminismo de vertente cartesiana, em que o paciente é deixado de lado para se abordar as doenças de forma mecânica, “localizadas, diagnosticadas e rotuladas de acordo com um sistema definido de classificação, e estudáveis em hospitais transformados, das medievais “casas de misericórdia” (aspas do autor), em centros de diagnóstico, terapia e ensino.” (Capra, 2006, p.123). A partir de seu apontamento de um modelo biomédico insuficiente no tratamento de enfermos, faz-se possível considerar as terapias alternativas de base espiritualista como uma representação complementar em busca de uma medicina holística, integradora, orgânica, não-reducionista, além do método cartesiano.

Com abordagem bioantropológica, Edgar Morin propõe que o binômio morte-renascimento faz parte das mais antigas crenças e ideologias que acompanham e são

recriadas, reconfiguradas pela humanidade. Sua proposta em “O Homem e a Morte” pode ser superficialmente resumida em indicar uma ligação entre o sentimento da morte e a necessidade que se faz emergente de sua consciência, auxiliando seu enfrentamento.

Em Eliade buscaremos evidenciar comparativamente como a preservação e importância dos sistemas simbólicos e míticos, representados e utilizados pelo homem por toda sua história se configuram como potenciais vias de acesso para o processo de dar significado às experiências de sofrimento como normais no curso da vida, característica do *homo religiosus*, do homem arcaico, tradicional em oposição ao homem moderno, que busca o aperfeiçoamento e atualização incessantemente.

## **Estudo Etnográfico**

Dentro das Ciências Sociais, a etnografia é o estudo sistematizado que descreve e detalha as particularidades compartilhadas por um grupo social organizado, estudando seus indivíduos e seus modos de ser e de se comunicar entre si.

A etnografia é por excelência o método utilizado pela antropologia na coleta de dados, baseando-se no contato inter-subjetivo entre o antropólogo e seu objeto. Em seus primórdios, meados do século XIX, influenciado pela colonização de então, guiou-se por pressupostos funcionalistas da antropologia social. Na América do Norte, contudo, foi enfatizado o aspecto de patrimônio cultural como importante, no sentido de resgatar memórias daqueles povos que já haviam praticamente sido extintos.

A observação participante é antes uma estratégia do que propriamente um método da etnografia. Seus pilares que modelam e sustentam-no como metodologia etnográfica, são a interação prolongada entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa e a interação cotidiana do pesquisador no universo do sujeito. Visa conhecer o grupo no qual se insere o pesquisador, descrevendo suas regras, conceitos, crenças, símbolos e significados próprios de um povo, grupo ou espaço específico.

O desenvolvimento de visões e técnicas da observação participante sofreu influência, cada um à sua época, do contexto predominante nas ciências sociais, estendendo-se à antropologia e ao estudo etnográfico. Assim, as relações de poder influenciaram achados de pesquisa, embora devendo sua atividade imparcial, ou seja, seu resultado não deveria ser determinado por contextos ou influências. Reconheceu-se mais recentemente que esta imparcialidade exigida de que existe uma realidade independente do pesquisador, no início e desenvolvimento das ciências ditas sociais, foi quase inexistente.

Visões funcionalistas orgânicas da sociedade ou de grupo feministas, marxistas ou de interacionalismo simbólico, marcaram estudos etnográficos, segundo sua visão social das relações de poder implicitamente aplicadas ao “fazer científico”. Desenvolveram-se também as visões da teoria crítica e da etnometodologia, escolas com tendências fenomenológicas da etnografia, preocupadas também com a própria epistemologia dentro dos modelos etnográficos.

## **Descrição etnográfica.**

Esta seção pretende descrever tanto as atividades desempenhadas pelo grupo social SOL, como é baseada a comunicação e preparação entre os seus participantes, tanto

daqueles que prestam a assistência, bem como se dá a relação do grupo com os assistidos. Trata de parte da sua filosofia e embasamento espiritual, em que se baseia o pensamento do pessoal integrante do grupo que presta o serviço; da estrutura física onde se desenvolvem suas atividades e como esta se integra e demonstra o pensamento do grupo, de forma de prática. As observações aqui relatadas são fruto de duas visitas que realizamos ao local Canto do Uirapuru.

Nas visitas não nos foi permitido presenciar uma sessão mediúnica e de entrevistas com o médium que coordena os trabalhos espirituais no Sítio “Canto do Uirapuru”, localizado no Vale do Gramame, que contou também com mais cinco integrantes do Grupo do Sol, ligados a União Espírita Diogo Vasconcelos Lisboa, que também atua no Sítio Canto do Uirapuru.

No dia 23 de setembro de 2012, domingo, às 9:15 hs, iniciamos o nosso trajeto até o Sítio Canto do Uirapuru, para realizarmos nossa primeira observação. O cenário do percurso até a chegada no sítio Canto do Uirapuru é de pouca intervenção urbanística: muito verde, árvores de flores e frutos, estrada não asfaltada, de barro. Ao chegarmos, nos dirigimos ao local onde se realizam as reuniões mediúnicas.

O local é acessível por ruas não asfaltadas, onde há indicações por placas gráficas para que se chegue até o Canto do Uirapuru. Em uma bifurcação logo no começo das estradas de terra, encontra-se uma faixa com os escritos: "Deus seja louvado em nossas atitudes - Zé", porém sem a indicação de localização do Canto do Uirapuru. Estas são palavras de Zé Grosso, como confirma o médium A, que incorpora este espírito.

Existem não apenas árvores e vegetação até o local, mas também residências, modestas em sua construção, mas amplas em espaços que abrigam árvores de frutas como manga e pinha. Há um bar e uma igreja. O próprio espaço do Canto do Uirapuru é amplo e se destaca entre os demais da região por sua construção de estrutura peculiarmente indígena, assemelhando-se às ocas.

Os jardins são delimitados por uma espécie de cercado de *Sansevieria trifasciata*, popularmente conhecida como "espada de São Jorge", planta a que se atribui poderes mágicos de proteção. Além de cercarem os jardins, também são encontradas em torno das árvores dedicadas às pessoas que desencarnaram. A estrutura interna da oca é sustentada por 32 pilares constituindo o formato circular e quatro pilares mais robustos mais ao centro do "Ninhão".

Uma grande construção circular coberta de sisal e sustentada por colunas de madeira, lembra uma oca de índios. O espaço foi denominado de “O Ninhão”, por ser como um ninho grande que abriga vários pássaros (Figura 1). São três os acessos de entrada – um principal, delimitado por duas grandes aberturas, com cortinas levemente transparentes de coloração branca, onde, para entrar, é obrigatória a retirada dos calçados.



Figura 1. “O Ninhão”.

No interior de “O Ninhão”, um grande círculo de cadeiras brancas dispostas no seu centro. Possui um altar em que figura uma pintura em óleo sobre tela retratando Pena Branca (espírito indígena). No entorno circular ficam dispostos vários filtros de barro com água potável. Ainda há duas camas cirúrgicas, três mesas de apoio e um armário branco de enfermaria.

No espaço externo, registramos várias árvores e jardins cultivados por familiares que frequentam o local e desejaram simbolizar a ternura da vida dos entes que já “desencarnaram”, acrescentando, além do nome pessoal em cada árvore, um adjetivo que marcou a vida na terra daqueles que já se foram. (Figura 2):



Figura 2. Árvores em homenagem aos desencarnados.

Depois de aguardarmos o término de uma reunião interna, fomos apresentadas ao médium que coordena os trabalhos espirituais do Canto do Uirapuru. Explicamos nosso objetivo de pesquisa e entregamos-lhe a Carta de apresentação. Em seguida iniciamos o nosso diálogo com o médium A, registrando sua fala introdutória sobre o Canto do Uirapuru: “O Canto do Uirapuru é uma extensão da União Espírita Diogo Vasconcelos Lisboa, com sede no bairro do Costa e Silva, na zona sul da capital paraibana, e desenvolve assistência médico espiritual aliada à práticas medicinais alternativas.”

O Canto do Uirapuru, ainda segundo o médium A, é um centro ecumênico que abraça pessoas advindas de todas as religiões, cujo intuito principal é o de despertar a espiritualidade existente em cada um. O médium, um dos coordenadores do “Canto do Uirapuru” nos relatou que os tratamentos oferecidos são gratuitos e complementares, à base da “medicina vibracional”, não dispensando a assistência médica especializada. O objetivo da intervenção mediúnica, segundo ele, é o de “aliviar a dor”. Esse alívio, é atribuído à uma ação superior humana e à própria pessoa, que abre o “campo de vibração”, acessa o “divino” que está dentro de si, processando, assim, a mudança.

Para o médium do centro, foi perguntado o papel que um médium representa, ao passo que sua resposta foi de que se trata da pessoa que passa pelo processo de “transe hipnótico” (pessoa hipnotizável) e processa a “psicofonia.” (o momento em que o médium incorpora o espírito para a realização da cura, a amenização da dor, ou orientações espirituais).

O orientador espiritual, “incorporado” pelo médium do centro, é Zé Grosso e Dr. Romano que passam a todos os presentes à sessão, orientações espirituais e realizam as cirurgias mediúnicas, respectivamente. Há no jardim um local especial em sua homenagem. (Figura 3):



Figura 3. Homenagem ao Dr. Romano, no jardim do Canto do Uirapuru.

Perguntado sobre sua história pessoal, o médium A nos contou que, quando criança ouvia vozes e via vultos não identificados por outras pessoas, somente por ele. Sua família, de origem católica, encaminhou-o para psicólogos e psiquiatras, submetendo a então criança médium A, a medicamentos por orientação médica. Durante este tratamento, na adolescência, o pai do médium A veio a falecer. Desde este episódio, o médium A passou a ver o espírito do pai e a ouvir orientações suas. Verificando que não se tratava de doença ou patologia, tampouco se verificava “melhora” nos “sintomas” descritos por A, a família aceitou a orientação de procurar um centro espírita, onde o médium A encontrou condições e meios para “educar a sua mediunidade”.

Hoje à frente dos trabalhos no Canto do Uirapuru, e também no Centro Espírita Diogo de Vasconcelos, o médium A atua tanto na área social como na mediúncia, incorporando os espíritos de Zé Grosso e Dr. Romano, como também o espírito de Pena Branca. (Figura 4):



Figura 4. Homenagem ao espírito Pena Branca.

O Grupo do Sol (Serviço Ostensivo de Luz), embora atenda às pessoas de diversas religiões, professa sobretudo a doutrina espírita. Esse grupo apoia as famílias dos portadores de câncer tanto no sentido espiritual, quanto material. Portanto, promovem campanhas de arrecadação de alimento para as famílias que necessitam desse auxílio. O acompanhamento aos pacientes é feito semanalmente, e uma vez por mês o Canto do Uirapuru recebe pacientes portadores de câncer para que sejam realizadas as cirurgias e orientações espirituais.

No altar, além da figura indígena de Pena Branca, é possível observar cestos artesanais com maracás - instrumento musical tido como mágico e que pode propiciar, segundo Eliade, o “voo xamânico”. Elementos da natureza - espada de São Jorge ao redor do Ninhão, pedras espalhadas em seus muros e uma fonte construída com as pedras. Estas pedras são transparentes de coloração branca ou rosas.

Com cadeiras brancas dispostas em círculo, foi dado início à reunião com os associados que dão assistência espiritualista. O médium A senta-se de costas para o altar, na mesma linha em que se encontra a figura de Pena Branca. O médium pede à uma integrante do grupo que segura um violino que toque uma música. Ela prontamente começa a execução de uma canção suave e convidativa à contemplação e à meditação. Em seguida, outro membro do grupo, sentado à direita do médium A, faz a leitura do evangelho de Tomé - o quinto evangelho, apresentado como uma descoberta recente e muito importante.

O médium A relata sobre o aviso da morte próxima de um ente e sua omissão em dizer para a família, pois presumia uma atitude de desespero perante sua revelação. Em seu sonho, uma avó já falecida viera avisar sobre a "chegada" da pessoa ao "outro lado". É contado o mito da serpente rastejante, a horizontalidade e verticalização, o simbolismo da

cruz.

Após a leitura, os integrantes fazem perguntas ou observações relacionadas ao que foi lido. É discutida entre os membros a diferença entre ser e ter, morrer e desencarnar, citação de frases dos espíritos recebidos durante as sessões mediúnicas. Uma nova integrante relata sobre sua dificuldade em entender o significado simbólico do mito da serpente (contado através da leitura do Evangelho) e conta que ouviu de uma pessoa católica o relato sobre e uma outra interpretação. O médium diz que não porque há outra interpretação que esta outra seja errada, mas apenas que é uma outra interpretação.

Em seguida, passam a discutir sobre o encontro que vai ser realizado para receber as pessoas que sofrem de câncer. A psicoterapeuta B, que realiza as visitas aos doentes em hospital, fala da importância do sorriso, da atitude positiva diante dos pacientes. Ressalta que a pessoa que oferece assistência não deve demonstrar, caso haja, o choque com a situação do paciente, e muito menos deve gerar sentimento ou reação de pena.

Para exemplificar, cita o caso de um rapaz jovem que teve sua perna amputada. Na visita, ao conversar com ele e perceber sua tristeza e falta de perspectiva, ela diz “bem, você conhece a história do saci-pererê, não?”. Ao que ele responde: “Sim, conheço.”. Ela então pergunta-lhe: “Você acha que ele teria sido lembrado se tivesse as duas pernas?”. Ela conta que neste momento ele então sorriu para ela, timidamente. Em sua visita seguinte a este mesmo paciente, ele já estava fazendo planos de voltar a estudar, estava com uma ansiedade em escolher o que seria.

A psicoterapeuta B relata outro caso de uma paciente que já foi encontrada em estado de fraqueza extrema, embora muito jovem, aos 25 anos.

“Encontramos C no hospital, acompanhada da mãe e algumas vezes do marido. Das primeiras vezes em que conversamos com ela, estava abatida por sua fraqueza e debilidade. Entretanto, com humor e alegria, nos dirigimos a ela, nunca alimentando sua autopiedade, pelo contrário: insistíamos em coisas para ela fazer, como despertar sua vaidade. Nos encontros seguintes, ela já nos esperava, cada vez mais alegre e com sorriso no rosto. E passou a dizer que iria, em alguma hora, visitar o Centro Espírita, cada vez menos tímida. Insistimos para que ela fosse, um dos nossos iria buscá-la. Pois não é que ela nos ligou e esta visita se concretizou? Estava bela, de vestido, e não se importava em ser carregada no colo. Dizia ter se tornado princesa. Alguns dias depois, falecera. E foi com esta imagem que a família e os amigos ficaram: a da princesa.”

## **Paradigmas da ciência e do espírito, normalidade do sofrimento e significação.**

Neste tópico apresentaremos os pontos polêmicos cientificamente sobre a abordagem espiritualista, quando mais, religiosa, no tratamento de enfermos, contrapondo os fatos observados e relatados segundo a pesquisa etnográfica.

Capra (2006) dedica todo um capítulo de sua obra para criticar o modelo médico estabelecido após o Renascimento e o Iluminismo, o modelo cartesiano de objetivar estudos na doença e não no paciente, seguindo o modelo da taxonomia de plantas e animais, que despreza a variedade de fatores ecológicos (e aqui inclui-se o estado psicológico daqueles que rodeiam o paciente), fatores além da doença que permeiam a vida do paciente, como pessoa humana. No grupo estudado, percebemos esta atitude complementar à moderna medicina científica, representada pela abordagem espiritualista e integradora em práticas alternativas que incluem o apoio psicológico, procurando entender o sofrimento como

componente da vida na existência humana e além, dando espaço para o paciente desfrutar da convivência social que lhe é tirada ou dificultada quando um diagnóstico fatal ou trágico lhe aflige.

A legitimidade da representação mediúnica e do transe hipnótico por qual passa o médium A pode ser colocada em discussão quando estamos em meios mais céticos em relação à espiritualidade ou religiosidade. Esta legitimidade pode ser questionada uma vez que nem todos os enfermos que procuram o médium A obtêm a cura. Em Eliade (2000), encontramos que:

“A experiência mística é geralmente apanágio de uma classe de indivíduos que, seja qual for o nome que lhe dêem, são *especialistas do êxtase* (grifo do autor). Os xamanes, os mágicos, os curandeiros (*medicine-men*), os extáticos e os inspirados de todas as espécies distinguem-se do resto da comunidade pela intensidade da sua experiência religiosa: vivem o sagrado de uma forma mais profunda e mais pessoal que os outros. Na maior parte dos casos, distinguem-se por um comportamento insólito, pela posse de poderes ocultos, pelas ligações pessoais e secretas com os seres divinos e demoníacos, por um gênero de vida, uma maneira de se vestirem, insígnias e idiomas que só a eles pertencem.” (Eliade, 2000, p.81)

Assim, pela experiência pessoal relatada pelo médium A, em que desde a infância, passando pela adolescência, experiências visões e audições não vivenciadas nem verificáveis por outras pessoas do seu convívio, podem significar essa sua diferenciação dos demais, além do seu comportamento ser considerado incomum a ponto de ser tratado com ajuda psiquiátrica e medicamentosa. O fenômeno da cura é ainda cientificamente provável em termos experimentais, o que entretanto, não invalida a sua possibilidade de ocorrência.

Ainda em Eliade (2000), os sofrimentos físicos e psíquicos pelo qual um curandeiro passa pode ser encarado como aprimoramento espiritual com significado iniciático. Estes sofrimentos configuram-se como “eleição sobrenatural” (Eliade, 2000, p. 224) e podem ser infligidos por demônios que, em contextos não-cristãos, são os próprios mestres da iniciação. Destaca a história de Santo Antônio, em que “no fim das contas, são as suas torturas e as suas “tentações” (grifo do autor) que deram oportunidade a Antônio de ascender à santidade” (Eliade, 2000, p.223).

Quando Eliade(1992) propõe que “a antropologia filosófica teria alguma coisa a aprender com a valorização que o homem pré-socrático (em outras palavras, o homem tradicional) atribuía a sua situação no universo” (Eliade, 1992, p.8), dá os passos iniciais para o questionamento da conscientização das formas de sofrimento enfrentadas pelo homem arcaico, que em suas explicações mitológicas pode revelar atitudes não tão dramáticas e mais normalizadas para instruir seus descendentes. Assim, ressalta a importância dos mitos, por muito tempo renegados pela razão moderna devido ao seu caráter instrutivo para a própria história humana e, sobretudo, para a normalidade do sofrimento na vida humana. A visão do grupo SOL pode se encaixar nesta visão de Eliade acerca do sofrimento.

Em seguida, Morin(1977) faz o detalhamento para o sofrimento humano na consciência de uma mudança de atitude otimista em relação a ela. É compreensível que o autor se coloque além da perspectiva insuficiente sobre a morte, como as de Marx e Freud, imersos em universalismos que permeavam a ciência às suas épocas, ou seja, valendo-se de uma percepção antropológica aliada à biológica. Como aponta Pena-Vega(2008), Morin nos brinda com uma conclusão que abre a “trilha para a construção da hipótese de uma

convergência e uma interação entre o progresso da razão e o crescimento do domínio sobre as condições biológicas da vida.”(Pena-Vega, 2008, p.90).

Embora o grupo estudado não aponte questões biológicas em seus tratamentos alternativos, não excluem a necessidade destes no processo de cura, nem influenciam o paciente na desistência do tratamento médico, pelo contrário, insistem na necessidade e no enfrentamento desta situação, inclusive, se utilizando do humor e não do sentimento de pena pelo paciente, não se permitindo alimentar-lhes os sentimentos de autopiedade. Contudo, não se atém apenas a falar da morte iminente - seja como fase de mudança (finitude de uma etapa por destino imutável, como do paciente que teve a perna amputada) ou da morte definitiva (como da paciente jovem de 25 anos). Concentram-se principalmente em orientar o paciente a ter consciência de sua condição atual e a partir dela encontrar em si mesmo algo que possa transcender aquela limitação.

## **Conclusão**

Como estudo etnográfico, este artigo buscou caracterizar as atividades de um grupo que presta assistência espiritualista e ecumênica. Como integrante do currículo das Ciências das Religiões, ressalta a importância antropológica do trabalho comunitário e espiritualista, por prover apoio ao enfrentamento durante o sofrimento de pessoas enfermas e seus familiares. Em um processo que trabalha a interação e a significação a que são sugeridas estas pessoas a buscar, parece fazer parte da transcendência este mecanismo de enfrentamento de vicissitudes postas como inelutáveis durante a vida de qualquer ser humano: dor e morte. Reluta-se diante do sofrimento através da interação, externamento, compreensão da dor e da finitude entre os assistidos e os assistentes, de certa forma ampliando a admissão destes fenômenos como etapas naturalmente evolutivas, dentro das crenças do espiritismo ou espiritualismo.

Aponta-se aqui a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema, como dos resultados pelos indivíduos que procuraram o grupo e uma análise mais aguçada sobre os componentes simbólicos e biopsicossociais, à luz de teorias que possam desvelar sua natureza, a fim de uma responsável validação e justificação de sua prática, vista com desconfiança e como ilegítima por parte da sociedade moderna.

## **Referências**

- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1997.  
CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.  
ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Lisboa: Edições 70, 2000.  
ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1972.  
PENA-VEGA, Alfredo; LAPIERRE, Nicole. **Edgar Morin em foco**. Sao Paulo, Cortez, 2008.